

Impresso

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

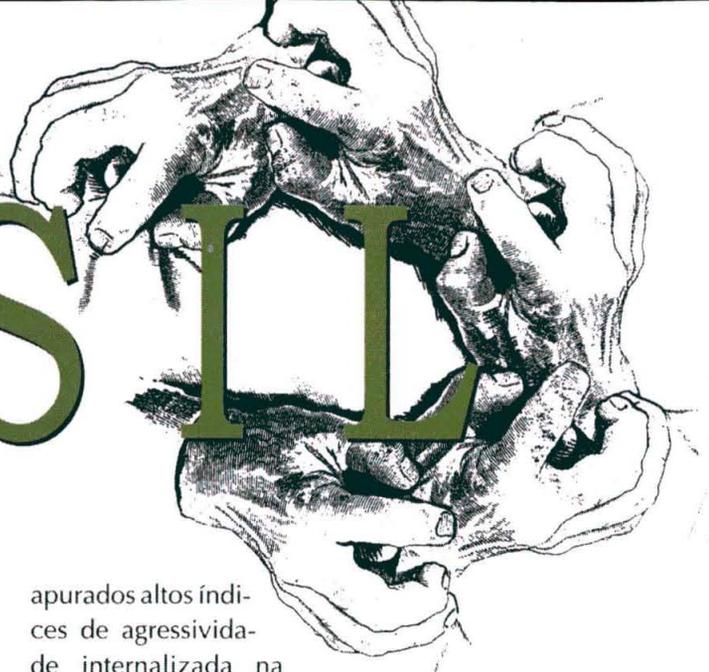
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de

Raquel
de Queiroz

MUSIL



Estes comentários deveriam ser formulados há mais de cem anos, quando do aparecimento de *O ateneu* (1988), de Raul Pompéia; ou há mais de cinquenta, quando saía *Mundos mortos* (1937), de Octávio de Faria; ou, ainda, há quase cem anos, oportunidade em que o austríaco-alemão Musil dava a conhecer o seu primeiro romance, *O jovem Törless*, (1906). Esses três romances guardam íntima relação, pois, de uma forma ou de outra, questionam a natureza moral na visão de estudantes inseridos em estruturas repressivas. Mas ainda são comentários oportunos, pois, atualmente, são

apurados altos índices de agressividade internalizada na juventude brasileira.

A abordagem de um assunto que comparece em territórios tão distantes, com defasagem de poucos anos, mas com antecedentes premonitórios de futuros regimes totalitários, comprova a relevância da aproximação crítica de Pompéia e Musil. Independente de o Brasil ser uma nação nova, de estar construindo uma sociedade peculiaríssima, onde sobressaem a afetuosidade, a alegria e a hospitalidade – basta ver a vasta imigração nos tempos de regimes totalitários da Europa –, muitas vezes aqui a sociedade se antecipou na construção de resistências a sistemas insustentáveis para a construção de um homem moderno. Não será agora que aceitaremos um sistema familiar e educacional que pode apontar para a construção de um homem brasileiro agressivo, presumivelmente totalitário.

O jovem Törless saiu a primeira vez no Brasil em 1981 pela Editora Nova Fronteira, que prometeu do mesmo autor, e cumpriu oito anos depois, a publicação de *O homem sem qualida-*

e
questões
sobre o

BRASIL

des – livro fundador de novas estruturas romanescas. Aquela casa editora só não completou a prometida série de obras de Lúcio Cardoso, ficando impossível ter acesso à completude de seus diários e ao seu festejado primeiro livro de poesias.

Não foi só a edição de *O jovem Törless* que saiu com atraso no Brasil. Apesar da tardia afirmação do parque editorial brasileiro, muitos livros foram publicados com atraso injustificável no Brasil, basta ver a ausência de traduções de obras de Herder, de Herzen, de *A vontade de poder*, de Nietzsche (já que aquela que circulou tempos atrás nem sequer pode ser considerada). Apesar de ter contribuído para alguma fundação da literatura brasileira, só há menos de uma década foi traduzido por aqui *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe. É vergonhosa a carência de edições decentes de nossos clássicos! Até quando continuarão inexistentes edições decentes de Machado de Assis, Raul Pompéia e tantos outros clássicos brasileiros, que às vezes ficam fora de mercado ou presentes só em edições vexatórias!

Assim, nossos jovens jamais aprenderão a gostar do livro, pois, antes de chegar a ser um elemento de formação de nacionalidade, o livro tem de ser uma jóia cobiçada pelo olhar e pelas mãos. Pais – vocês não se envergonham? –, um maço de folhas xerografadas jamais significará um livro. Um jovem que não teve alguns livros nas mãos jamais se imbuirá de humanidade para não chegar a algum tipo de personalidade totalitária. Um homem sadio tem de ser construído diuturnamente, com livros.

Brevemente, o livro de Musil estará circulando nas

bancas, nas coleções distribuídas por jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, fato que torna mais obrigatória a sua aproximação dos romances de Raul Pompéia e Octávio de Faria, e, ainda, a avaliação da edição de livros populares no Brasil.

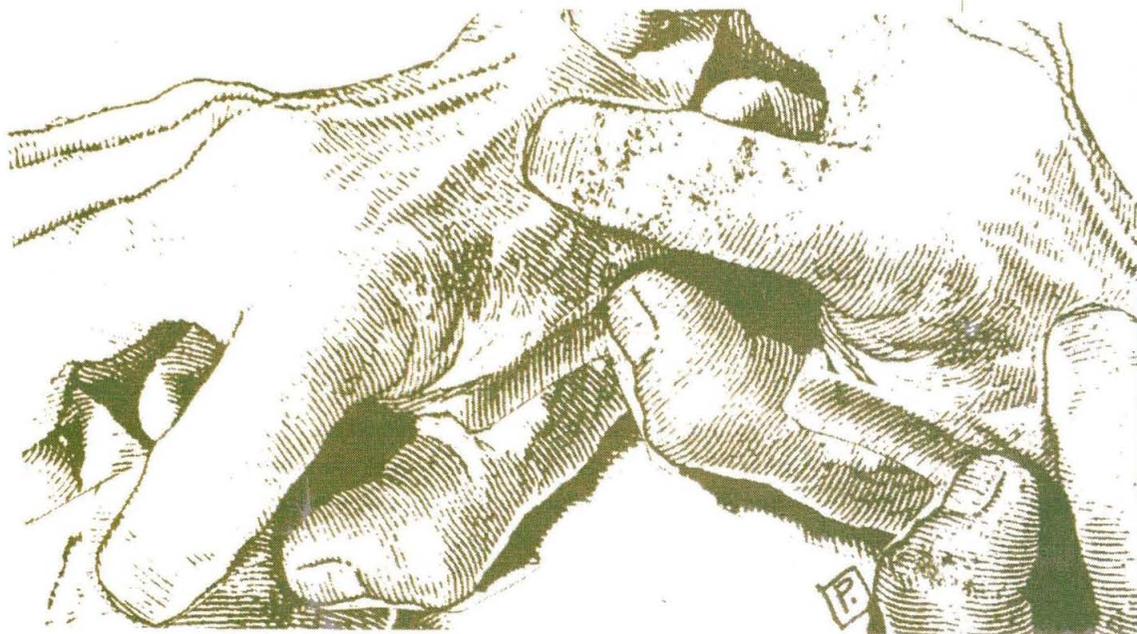
Até agora, a nossa experiência na publicação de livros de bolso é nula. Sempre que ela foi experimentada, a vestimenta não garantiu a concretização do casamento com o leitor. Os editores se limitaram sempre a obras manjadas e já com esgotadas possibilidades de mercado, sem merecer lembrança o acabamento agressivo (basta ver que elas jamais chegam aos sebos, pois todas acabam esfarinhadas nas primeiras leituras). E fatalmente serão esfarinhadas as que chegam atualmente às bancas em distribuição da Folha de São Paulo e de O Globo. Sobra, atualmente, a experiência das coleções Obras Primas, pela Nova Cultural, e Grandes Escritores da Atualidade, da Planeta DeAgostini (espanhola recém-chegada ao mercado).

Não vingaram as experiências da Rio Gráfica (do sistema Globo), que chegou a publicar modernos como Musil, Durrel e André Gide; e clássicos como Stendhal, Conrad e Maupassant. Não foram edições esfarinháveis, mas em papel desestimulante. Também a Record se

esqueceu do sucesso das edições de bolso espanholas, francesas e inglesas, que, embora baratas, muitas chegam a ser objeto de luxo. Suas edições de bolso traziam manchas apertadas, impressão suja, colagem desprezível e péssima seleção de títulos. O leitor brasileiro já está mais exigente e mais inteligente. Não quer ficar por aí sujando a mão de tinta e perdendo tempo com leitura de material descartável. Musil, em *O homem sem qualidade*, diz que “é preciso um sentido para as coisas desde que elas não têm mais conteúdo”.

Mas tudo diz que ainda temos de perseguir algum sentido e algum conteúdo. Não deixemos de louvar, no entanto, as edições de Machado de Assis, Euclides da Cunha, entre outros, pela Record, voltadas para o uso didático, pois conseguem trazer reprodução confiável do texto, melhor preço e acabamento razoável. Vamos dar algum sentido às edições, já que nova configuração se apresenta com as edições da Cosac & Naif e da Planeta. Essas editoras poderiam criar coleções respeitáveis para os clássicos de nossa literatura, que aumentassem o orgulho de suas existências e de suas leituras.

Querem manganço do leitor brasileiro! Não há como ficarmos jogando fora os nossos livros ao fim de uma viagem de metrô. Até as



editoras universitárias entram neste círculo de descaso. Como podem investir em títulos que chegam a menoscabar a construção de nossa nacionalidade? Quem abordará este assunto? Quem mete a mão neste vespeiro? Hem? Hem? Quem, quem? Saudação, no entanto, à Edusp, pela edição caprichada da série de Joseph Franck sobre Dostoievski; e à Unesp, pela reedição da obra de Dante Moreira Leite, sobretudo de *O caráter nacional brasileiro*, que pode ajudar muitos comedores de braquiária a ampliar a visão para as questões da nacionalidade. Dante Moreira Leite sabe ler, sabe interpretar, identificar as linhas do pensamento brasileiro, sem perder os pés da concretude da construção de nossa realidade.

Só conseguimos grandeza se superamos aqueles que são pináculos. Só deixamos de ser campeadores de nelores quando conseguimos tirar o chapéu para os construtores de nossa nacionalidade. Só não nos derrotaremos quando nosso projeto não demolir, mas construir junto. Por mais que o ato criativo seja solitário, a construção não tem significado sem a participação do outro, principalmente do outro que veio antes. Se eu fosse algum pináculo, tiraria o chapéu para Dante Moreira Leite, que não desmerece os seus antecessores, pois quer construir a partir do ponto em que deixaram o arcabouço da construção da nacionalidade. Mas, se eu tirasse o meu chapéu, da altura de minha pequenez só conseguiria saudar os seus pés. Não podemos querer zombar dos campeadores se não conseguimos nos libertar nem mesmo de nosso próprio chapéu.

Mas, só para fechar a questão de Musil e Raul Pompéia – apesar de ser mais recente (1937), o livro de Octávio de Faria é o mais retrógrado na questão da abordagem do



totalitarismo, talvez por isso não tenha merecido mais reedições. Alega que é o divino que coíbe os impulsos violentos no instante da gestação da liberdade (antes o Reich já demonstrara que o divino e o autoritarismo da família possibilitam a implantação de regimes totalitários). Em Raul Pompéia, o agente repressor é a própria estrutura em que está inserido o homem para ser construído, indicando que o repressor destrói a personalidade ou constrói uma personalidade totalitária. E, em Musil, é o homem, antes de qualquer sistema, o agente repressor. E mais: o homem de Musil – este que está inserido na modernidade – não se defende da

construção da repressão, deixa que ela se construa e o afete mortalmente.

É uma situação inverossímil para a compreensão humana, mas Musil entende também que a repressão está integrada ao impulso do homem para alcançar a liberdade. Se o homem é livre, mas não entende o que significa a liberdade, vai se julgar com o direito de usá-la para a agressão e, fatalmente, o assassinato. Portanto, se não coibimos, se não construímos a liberdade no indivíduo, podemos construir o repressor, podemos construir o totalitário em nós próprios, ou construir o agressor que irá nos abolir.